

## A condição de gênero na trajetória acadêmico-profissional de pesquisadoras do Instituto Federal de Brasília

### RESUMO

**Luana Soares Crisóstomo**

E-mail:  
luanasoares.biologia@gmail.com  
Instituto Federal de Brasília,  
Brasília, DF, Brasil

**Karla Amâncio Pinto Field's**

E-mail:  
3938895@etfbsb.edu.br  
Instituto Federal de Brasília,  
Brasília, DF, Brasil

Este trabalho analisou o processo de inserção feminina e sua invisibilização em carreiras científicas. O objetivo foi identificar se a diferença de gênero prejudicou a produtividade acadêmica e a carreira das pesquisadoras. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e o conteúdo foi analisado pelo método de análise textual discursiva. As narrativas mostram que as mulheres avançam lentamente na carreira devido à tripla jornada e a barreiras impostas pela sociedade patriarcal e capitalista, incluindo discriminações e preconceitos. Para se ter um lugar de fala, a mulher precisa se esforçar mais academicamente e profissionalmente do que os homens. A falta de divulgação das pesquisas sobre esse tema pode contribuir para a pouca presença feminina, não havendo reflexão e mantendo a divisão sexual. Desconstruir os ideais de objetividade, racionalidade e neutralidade da ciência é imprescindível na crítica feminista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência. Gênero. Divisão sexual.

## INTRODUÇÃO

As mulheres têm alcançado grande participação na sociedade atual. Entretanto, na maioria das vezes, elas ocupam espaços e profissões já definidos como femininos por elementos patriarcais consolidados na sociedade e que visam à manutenção desse sistema. Poucas vezes ocupam posições de liderança, sendo ainda difícil romper com as barreiras estabelecidas. Conhecido como efeito tesoura, em algumas profissões, a proporção de mulheres em relação aos homens diminui significativamente conforme se avança para o topo da carreira (MENEZES *et al.*, 2017).

É possível verificar também uma discriminação quando ela alcança um alto escalão. Deve-se enfatizar que as dificuldades percorridas pelas mulheres no mundo do trabalho estão presentes desde a escolha de sua profissão até chegar ao topo da carreira. É um “labirinto de cristal” que perpassa a vida da mulher por ela ser mulher; são obstáculos concebidos na sociedade que muitas vezes não são notados ou reconhecidos (LIMA, 2013).

Os objetivos deste trabalho foram identificar nas falas das pesquisadoras, lotadas no Instituto Federal de Brasília (IFB), os percalços profissionais vivenciados durante suas trajetórias acadêmico-profissionais, que estas reconhecem serem pautados no tocante a sua condição de gênero. Não há aqui o objetivo do silenciamento da raça, da classe, da orientação sexual e de outras categorias analisadas pelos estudos decoloniais, e sim de investigar o processo de construção da carreira científica de algumas mulheres considerando a ciência como uma área masculina.

E, desta forma, conseguir analisar como as pesquisadoras compreendem a relação de gênero na ciência; entender como as desigualdades de gênero desenvolvidas nas instituições científicas interferem no conhecimento produzido; explorar a trajetória das pesquisadoras desde a graduação e verificar se a desarmonia de gênero as prejudicou; além de ponderar a questão da maternidade e carreira dessas mulheres.

A fim de alcançar os objetivos propostos, foram feitas entrevistas com pesquisadoras do IFB relacionando sua dupla ou tripla jornada. O único critério de seleção era ser professora e pesquisadora do IFB. As perguntas foram feitas por meio de um formulário on-line com compartilhamento do link e as respostas foram voluntárias.

Um dos métodos que podem ser utilizados para pesquisas textuais é a análise textual discursiva (MORAES, 2003). Esse método foi empregado a fim de que o entendimento do processo de ascensão na carreira científica por mulheres num espaço idealmente masculino fosse esclarecido e contextualizado. Segundo Moraes (2003), as etapas de análise textual discursiva incluem a desmontagem do texto, a categorização, a construção do metatexto e a auto-organização.

A pesquisa via formulário do Google foi enviada a todos os campus do IFB por meio de e-mail e ficou aberta durante 90 dias. Foram obtidas 24 respostas, um número pequeno em relação ao universo de professoras do instituto, que se compõe de 331 mulheres e 377 homens (IFB, 2021). É interessante observar também a quantidade de discentes de todos os cursos dos campus do IFB, são 10.103 do sexo feminino e 8.110 do sexo masculino (SETEC/MEC, 2020), o que

corroborar com a hipótese do efeito tesoura, no qual a proporção de mulheres vai diminuindo ao longo do progresso da carreira (MENEZES *et al.*, 2017).

A análise feita, portanto, é uma concepção obtida a partir das respondentes e não expressam, necessariamente, a opinião da maioria das professoras do IFB. Porém, as reflexões elucidadas possibilitam uma crítica profunda sobre a vivência de mulheres no campo científico (SANTOS, 2016).

As principais áreas de formação das pesquisadoras são letras, biologia, matemática e pedagogia. E a maioria das professoras (9) possui grau de doutorado, 5 de mestrado e 1 de especialização.

Foi criado um código para representar as professoras e seus respectivos campus de atuação, que participaram da entrevista e que foram mencionadas no decorrer do trabalho, com o objetivo de preservar a ética da pesquisa.

As categorias da análise textual discursiva foram definidas a posteriori com base nos temas mais frequentes encontrados nas respostas: tripla jornada, família e casamento; machismo, misoginia e *mansplaining*; consolidação da carreira; e ignorância e preconceito.

## CONCEITUAÇÃO

Para entender a relação das mulheres com a ciência, é preciso compreender o conceito e o contexto de gênero utilizados neste trabalho. Conforme Sardenberg e Macêdo (2011):

O construto gênero diz respeito a um princípio universal, organizador tanto do mundo exterior (o 'social', econômico, político) quanto interior, ou seja, que diz respeito à construção das subjetividades e das identidades. De fato, gênero organiza e legitima não apenas a divisão sexual do trabalho e a construção de papéis sociais correspondentes, mas também a divisão sexual de direitos e responsabilidades, o acesso e controle sexualmente diferenciado a oportunidades de trabalho, bem como a instrumentos e meios de produção, recursos e fontes de renda e de crédito, capital, conhecimento, educação, instâncias decisórias, etc (SARDENBERG; MACÊDO, 2011, p. 38).

Sendo assim, o gênero está relacionado ao contexto social e cultural e pode ser analisado junto com outros elementos, como raça e classe, para observar como que um interfere no outro (SCOTT, 1992).

O feminismo clássico, hegemônico, considera uma identidade isolada (SCOTT, 1992): mulheres brancas, heterossexuais, classe média, ocidentais; e este coletivo padroniza tais proposições a todas as mulheres. Entretanto, existem outras questões relativas a determinados grupos femininos que precisam ser envolvidas também.

Dessa forma, além desse olhar do gênero com a ciência, deve-se considerar uma nova perspectiva que é o estudo decolonial, que consegue abarcar uma maior reflexão dentro dos estudos feministas, pois ele não fica preso a um grupo

específico de mulheres. De acordo com as pesquisadoras Rute Passos, Letícia Santos e Fran Espinoza (2020):

A colonialidade, segundo Stuart Hall, é um processo da modernidade veiculado ao colonialismo e implica não apenas uma ferramenta ocidental, mas uma contínua lógica de dominação, que permeia as relações sociais nos locais de subalternidade (PASSOS; SANTOS; ESPINOZA, 2020, p.153).

No decorrer da vida, as mulheres precisaram enfrentar diversos obstáculos relacionados à profissionalização, entre eles pode-se citar a segregação horizontal e a segregação vertical. Na segregação horizontal, as mulheres são conduzidas a fazer escolhas distintas dos homens; principalmente por influência da família, escola e igreja, elas decidem por planos de vida mais harmonizados com seu gênero. A segregação vertical é um método mais tênue, que faz com que as mulheres permaneçam em categorias subordinadas, ou que não consigam ascender profissionalmente. É como se existisse um “teto de vidro” no ambiente de trabalho onde ocorre majoritariamente a elevação profissional dos homens (ARAUJO, 2010; OLINTO, 2011).

Porém, deve-se enfatizar que as dificuldades percorridas pelas mulheres no mundo do trabalho estão presentes desde a escolha de sua profissão até chegar ao topo da carreira. É um “labirinto de cristal” que perpassa a vida da mulher por ela ser mulher; são obstáculos concebidos na sociedade que muitas vezes não são notados ou reconhecidos (LIMA, 2013).

Então a história da ciência oficial é demarcada prioritariamente por homens. Ela foi concebida como uma área masculina, branca, heterossexual, ocidental e de pessoas privilegiadas que escolhem o que aprender, para que aprender e quem pode aprender (SILVA, 2008).

Entretanto, apenas a entrada e permanência feminina na ciência não é suficiente, é preciso conceber um novo processo de desenvolvimento social, pois a base e o desenvolvimento das atividades científicas continuam sendo pautados sob a ótica androcêntrica. A igualdade na elaboração e nas condições para produção do conhecimento científico entre homens e mulheres ainda não foi conquistada.

Diante disso, pesquisas realizadas por homens têm mais prestígios e são mais valorizadas pela sociedade e meio acadêmico do que aquelas feitas por mulheres (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011). Por essa razão, dentro da área acadêmica, as mulheres se concentram em áreas de menor status e avançam vagarosamente na carreira, raras são as vezes que atingem o topo.

Além de todas essas adversidades, ainda há outra questão que afeta diretamente o desenvolvimento da carreira feminina. Trata-se da separação sexual do trabalho, no qual as mulheres possuem dupla ou tripla jornada de trabalho (sua profissão, estudo, cuidar da casa e dos filhos) e a maioria dos homens tem apenas sua carreira. Dessa forma, as circunstâncias e o nível do tempo dedicado ao trabalho científico são bem desiguais, resultando em uma produtividade científica mais baixa e um aumento da pressão para publicar trabalhos (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011; VELHO; LEÓN, 1998).

Então, surgem consequências que interferem significativamente na sua carreira. A todo momento a mulher é pressionada, mesmo que de forma sutil, a

fazer escolhas que de uma forma ou de outra sejam pautadas na manutenção da ordem patriarcal vigente.

É evidente que a luta feminista clássica trouxe muitas conquistas para as mulheres, quando houve discussões sobre temas novos e relacionados à submissão delas, como orientação sexual, direitos de reprodução etc. Porém essa luta não consegue abarcar as necessidades de mulheres negras, que ainda precisam resistir e se empenhar para serem vistas como seres humanos, sendo a discriminação racial um fator chave para esse grupo (GONZALEZ, 2020).

Assim, repensar o feminismo para uma perspectiva decolonial é fundamental para a inserção de grupos subalternizados que ainda não têm voz e representatividade por esta categoria. Entretanto, esses estudos devem estar envolvidos em movimentos sociais para o efetivo surgimento de efeitos decolonizadores e para que outros grupos sem privilégios possam contribuir com seus saberes, sendo sujeitos e não apenas objetos do conhecimento (CURIEL, 2019).

## DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

### Tripla jornada, família e casamento

A tripla jornada é inerente à mulher, como pode-se observar pela licença-maternidade dela ter um tempo maior. O homem consegue se dedicar à carreira porque há mulheres cuidando da casa e dos filhos e, dessa forma, a estrutura patriarcal se mantém, como nota-se nas declarações das pesquisadoras a seguir:

PSS1: “O homem não tem nenhuma preocupação na vida a não ser consigo mesmo.”

PS4: “A nossa cultura também prega que as mães sejam sempre as mantenedoras e cuidadoras exclusivas das crianças (...).”

Como consequência, as mulheres podem ter sido deixadas de lado em diversos projetos/ cargos altos por terem menos tempo devido a essas tarefas; porém ela tem menor disponibilidade porque ainda não houve um movimento para os homens entrarem na esfera privada e compartilharem as funções. Toda essa questão afeta as pesquisadoras a chegarem ao topo da carreira. Como visto na fala a seguir:

PSS1: Talvez se eu pudesse me dedicar integralmente à carreira acadêmica sem ter que me preocupar com absolutamente mais nada talvez eu estivesse com uma altíssima produção científica, publicações, palestras, viagens para congressos, vídeos, presença nas redes sociais divulgando meu trabalho, enfim, estaria em outro patamar.

A rotina da tripla jornada é improdutiva. Além do acúmulo de funções, a gestação e lactação fazem a mulher “perder” produtividade durante um período, gerando intervalos sem trabalhos produzidos no Currículo lattes. Porém, as exigências no mundo do trabalho são iguais independentemente do gênero, as

universidades e institutos ainda estão inseridos numa lógica patriarcal e capitalista, na qual a produção de pesquisas é muito relevante. No caso de mulheres pesquisadoras que têm filhos, geralmente essas situações não são compreendidas, como observa PSS1: “a maternidade definitivamente não tem lugar no Lattes”.

Ainda não existe uma estrutura para mulheres que além de trabalhar fora escolhem casar e ter filhos, como a criação suficiente e adequadas de creches. Precisando arcar com as duas atividades, elas possuem dificuldades para alcançar o topo da carreira, e ainda assim são obrigadas a demonstrar melhor eficiência do que os homens para ter alguma credibilidade. Ainda com todos esses obstáculos, elas continuam com remuneração inferior e sofrendo preconceito e assédios (ARAÚJO, 2010).

A exigência da alta produtividade no campo acadêmico, ao superestimar a pesquisa e menosprezar o ensino e extensão, acaba privilegiando alguns grupos específicos (SANTOS, 2016): quem está há mais tempo na profissão e quem tem mais tempo para fazer pesquisa; ou seja, o cientista padrão de classe média. Isso deixa, mais uma vez, pessoas que estão fora desse modelo com menos reconhecimento e menos chance de ascender profissionalmente.

### **Machismo, misoginia e mansplaining**

O machismo pode ser entendido como a dominação masculina que permite a manutenção do patriarcado por meio de construções sociais e culturais, conservando a subalternidade das mulheres ao longo do tempo (GOMES, 2018). Já a misoginia, segundo Tiburi (2018), é “o discurso de ódio contra as mulheres, um discurso que faz parte da história do patriarcado, do sistema da dominação e dos privilégios masculinos” (TIBURI, 2018, p. 106). Esses dois pontos, juntamente com o *mansplaining* (quando os homens interrompem sempre as mulheres, querem explicar qualquer assunto para elas- até mesmo quando está relacionado a uma especialidade dela-, não as deixam falar ou não escutam quando finalmente elas conseguem a palavra) silenciam uma mulher de forma instantânea e duradoura, e perpetua o patriarcado (SOLNIT, 2014).

Isso mostra que há um efeito do processo histórico social e cultural que determinam áreas para homens e para mulheres, sendo a inclusão das mulheres na ciência um empecilho de relação de gênero (RIBEIRO, 2019). Dentro do âmbito educacional também há essa distinção de funções, assim como relata a pesquisadora:

PT3: Principalmente na rede privada, as mulheres são escolhidas prioritariamente para o ensino fundamental. Os homens têm claramente mais oportunidades no Ensino Médio, onde o valor da hora-aula é maior. É muito evidente uma noção que as mulheres devem ser mais cuidadoras e por isso devem permanecer com as crianças.

Desta maneira, em diversas áreas, os homens tentam se mostrar superiores às mulheres com atitudes veladas (ou não): desprezando iniciativas/pesquisas, não ouvindo a fala, não considerando argumentos,

rebatendo discursos para mostrar hierarquia, utilizando-se de expressões agressivas. As narrativas a seguir mostram um pouco desse contexto:

PSS1: “A academia é um espaço de muito machismo e disputa de poder.”

PT2: “Sempre tive de trabalhar pelo menos 2 vezes mais que um homem para ser ouvida e respeitada.”

PE1: Acontece muitas vezes quando tento explicar algo a um colega de trabalho, e ele não entende ou reluta muito com aquilo que estou apresentando. Em seguida, um colega homem explica a mesma coisa e o primeiro entende ou aceita. A frase 'acho que ela quis dizer que...' aparece muitas vezes.

PT3: Dentro da rede pública, tive muitas dificuldades com colegas homens quando assumi a coordenação ainda jovem e mulher. A sensação que eu tinha era que havia uma vigilância constante em todo meu trabalho, o que não era evidente quando o coordenador era um homem.

Ou seja, para impor suas ideias (no sentido de se ter um lugar de fala), a mulher precisa se esforçar muito mais, mesmo que seja da mesma área que os outros homens, do mesmo grau acadêmico ou até de hierarquia superior, conforme ratifica a pesquisadora PT1: “Houve um sentimento de que não bastava ser tão boa quanto um colega do sexo masculino, mas era necessário ser melhor que ele, o que causava frustração e desânimo.”

O machismo estrutural, segundo Moschkovich (2013), é uma forma de associação mental enraizada na nossa sociedade e transmitida por meio da cultura na qual há definições de “ser mulher” e “ser homem” e quais características estão vinculadas a esses conceitos; tais atributos na “personalidade da mulher” são vistos de forma negativa em âmbitos de maior poder na sociedade, refletindo na discriminação em diversos campos. Tal concepção de machismo está presente também nas mulheres. Como uma forma de amenizar essas dificuldades, algumas desenvolvem trabalhos com homens. Uma equipe que tem homem dá mais credibilidade do que uma que só tem mulher? De acordo com PS5: “o machismo não tem prazo de validade se sempre for reforçado por mulheres!”. Pois dessa forma, elas contribuem para a manutenção desse sistema social de invisibilidade de outras cientistas.

Nas áreas de gestão, a preferência é por homens também. Talvez pelo rótulo de que a mulher não consegue se dedicar integralmente, devido à tripla jornada. E, também, devido à divergência estabelecida entre atitudes femininas e atitudes que os líderes precisam ter (HRYNIEWICZ; VIANNA, 2018). Um outro ponto observado na pesquisa é que algumas mulheres subordinadas realizam o trabalho do chefe, porém quem mostra os resultados e recebe os créditos é o homem. Ou seja, as mulheres têm plena capacidade de atingir cargos altos, mas ainda são deixadas de lado. Como pode ser analisado nas falas a seguir:

PRF4: “Era procurada para fazer diversos tipos de trabalho pela seriedade, mas, quando havia vaga para gestão, a preferência era dada aos homens (...)”

PRF7: “(...) Assumi cargos de vice onde os homens detinham o cargo principal, mas eu realizava o trabalho deles e eles apareciam para apresentação dos resultados.”

A mulher se esforça muito para se adequar, crescer na carreira, em um mundo que foi idealmente construído sob padrões masculinos (VELHO; LEÓN, 1998). Quando esses parâmetros são reforçados, o poder desses sujeitos genéricos se perpetua (BANDEIRA, 2008). Desse modo, a desconstrução desses critérios é o alvo da crítica feminista, para que se possa ter um espaço em que as mulheres tenham capacidade de contribuir para a ciência, além de todos os outros sujeitos que não estão dentro do “padrão universal”.

Há também um outro ponto de vista declarado por algumas pesquisadoras em que na atividade pública não há distinção de gênero e nem de salário, pois a progressão na carreira é igual. Porém, é importante destacar que durante a construção da carreira científica da mulher, há diversos entraves devido a seu gênero e ao machismo estrutural vigente. Desta forma, o ponto de partida no serviço público é igual para homens e mulheres, mas o trajeto percorrido é desproporcional quando são comparados os gêneros. Como visto no relato seguinte:

PRF4: (...)No serviço público, porém, como temos plano de carreira, a progressão na carreira não é diferente para homens e mulheres. Isso é um ponto positivo (...). Entretanto deve-se levar em conta que toda a carreira consolidada das cientistas percorre diversos percalços por causa de seu gênero, o que acaba influenciando indiretamente no seu avanço funcional.

Todavia, segundo PS2: “homens são melhores avaliados em concursos públicos e, aliado a isso, mulheres têm a questão da maternidade que interfere na produção”. Talvez esse tipo de avaliação já seja pensado na “falta de tempo” das mulheres em relação aos cuidados com filhos, que nem sempre elas possuem.

### Consolidação da carreira

Os pontos-chave observados para a consolidação da carreira das pesquisadoras que participaram da entrevista retratavam a determinação, paciência, resiliência, vontade e necessidade de sustentar os filhos sozinhas. Isso não implica dizer que os homens não precisam ter essa dedicação, mas as condições impostas às mulheres, para ter uma carreira sólida, são mais acentuadas.

O apoio da família, de profissionais e de outras mulheres também foi fundamental para fortificar a carreira dessas pesquisadoras, já que são pessoas que passaram por situações parecidas e puderam indicar caminhos para superar casos de machismo, discriminação, assédio. Conforme corrobora PSS2: “não teria sido capaz de construir nada em minha vida se não fosse minha rede de apoio”. Logo, além de estarem subordinadas a situações de desrespeito, elas ainda

precisam dominar aquele impasse de forma a mostrarem que são capazes de serem cientistas.

Outro alicerce indispensável nessa categoria é o estudo. Elas precisam se esforçar e se aperfeiçoar muito, para conseguir impor suas ideias, para serem reconhecidas, ouvidas com argumentos fundamentados e com experiência. Como afirmam as pesquisadoras abaixo:

PRF4: A trajetória acadêmica e a realização de pesquisas. Só assim, na profissão docente, você consegue ser considerada. Com o conhecimento, os argumentos são mais fundamentados e menos frágeis e, com isso, há reconhecimento.

PRF6: “Estudar e me impor através de minha experiência profissional.”

### Ignorância e preconceito

O preconceito cultural e de gênero que permanece enraizado na nossa sociedade e o machismo estrutural fazem com que a mulher seja vista como frágil, engrandecendo a produção masculina. Isso reflete como esse assunto ainda é pouco abordado em todos os contextos da vida. Isso influencia as mulheres a atingirem, ou a não atingirem, cargos altos. Como mostram os relatos a seguir:

PE1: (...) O que homens falam é mais bem aceito. Neste sentido, acredito que um dos principais problemas que a gente vivencia é quanto a credibilidade. Somos mestres, somos doutoras, mas o que falamos tem menos crédito que o que um homem graduado diz.

PC1: Sociedade machista, a desumanização da mulher, os mitos da fragilidade feminina, todas essas ideias ainda são muito fortes e reverberam em todos os âmbitos sociais, do lar ao lugar institucional. Ser mulher é uma luta diária de afirmação de direitos, direito a falar, a pensar, a se expressar, a ser livre para fazer escolhas, longe de rótulos.

PT3: “Além disso, essa construção social de que homens seriam líderes melhores que mulheres intensifica as diferenças.”

Lourdes Bandeira (2008) argumenta que há uma tríade que exclui as mulheres da ciência: a) a autoridade masculina que instintivamente inferioriza as mulheres; b) a divisão sexual do trabalho como resultado; c) a circunstância universal, atemporal e eliminatória da ciência. Enquanto essa tríade não for repensada, não for mostrada e analisada para e por todos os sujeitos (não só os que praticam ciência), haverá sim a permanência dessa estrutura que invisibiliza e coloca um teto de vidro nas minorias envolvidas no contexto científico.

A falta de interesse nas pesquisas sobre diferenças de gênero, em algumas áreas, também pode contribuir para a pouca presença feminina nesses campos, porque não haverá compreensão nem reflexão acerca dessa concepção social e a divisão sexual nesse âmbito se manterá. Como mostram as falas das pesquisadoras:

PT2: “Precisamos discutir esse tema no espaço da rede federal de educação técnica e tecnológica, que ainda é marcada por um discurso que reforça estereótipos.”

PRF6: O machismo, a misoginia e a “brotheragem” entre os homens é um problema real e pouco tratado dentro das organizações, incluindo o meio acadêmico. É preciso um esforço coletivo e uma educação consolidada forte para eliminar certas diferenças de gênero totalmente infundadas.

Além disso, os estereótipos legitimados de um cientista influenciam o tratamento concedido a quem foge de todos os padrões, inclusive pelas próprias mulheres. Como mostra a fala:

PRF7: Por ser mulher, negra, nordestina, havia colegas (homens e mulheres) de trabalho que não aceitavam as orientações dadas (para execução de tarefas específicas) e que falavam mal de mim para as demais colegas (na minha ausência, em conversas fora do espaço de trabalho).

Desta forma, pode-se observar como os estudos feministas decoloniais se tornam essenciais para ajudar a superar essa fragmentação dentro da ciência. Na fala pode ser visto que outras mulheres (que já são excluídas da área científica) também contribuem para a exclusão dos outros sujeitos atípicos. Não adianta as mulheres lutarem pelo “feminismo científico”, sendo que esta categoria continua apagando as outras mulheres que não pertencem à classe hegemônica (branca, heterossexual, ocidental). É preciso perceber que alguns grupos específicos são afetados de forma desigual por determinados elementos, retratando a real urgência de inclusão entre raça, classe e gênero, e isto deve estar presente na luta de todas as mulheres (CRENSHAW, 2002; DAVIS, 2017).

Logo, temas como esse precisam ser objeto de análise e divulgação para toda a coletividade e não apenas de grupos que estudam essa temática, a fim de que cada vez menos as mulheres fiquem à margem da produção de conhecimento. Assim, como é objetivo de PSS2: “Meu fazer científico é minha forma de lutar para que nenhuma outra mulher sofra violência pelo simples fato de ser mulher. É um grito para dizer nenhuma a menos.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hegemonia do conhecimento científico produzido por um grupo seletivo de cientistas faz com que não haja contribuição de diversos outros sujeitos que

poderiam trazer benefícios para a sociedade e ainda traz uma narrativa única da ciência. Além disso, a baixa representatividade e pouca diversidade de pessoas no campo científico pode desencorajar as minorias, que já são excluídas normalmente, a fazerem parte desta área. Permitir a inclusão de outros sujeitos na construção do conhecimento implicará em novas perspectivas, em novas visões de mundo e em uma tentativa de romper com o domínio intelectual de determinado grupo de pesquisadores (MÜLLER, 2021; SANTOS; SILVA, 2020; SCOTT, 1992).

Pode-se observar que o campo científico foi construído sob uma ótica em que os papéis de homens e mulheres já eram pré-determinados sem que eles soubessem o seu lugar de fala (ou de subalternidade) (ALBUQUERQUE, 2006). A pouca adesão das professoras à participação da pesquisa também reflete a urgente necessidade de mais análises dessa temática, ampla divulgação e discussão com a comunidade em geral.

Além disso, a crescente participação das mulheres no âmbito científico não provoca o fim de discriminação e implicâncias neste campo. Em grande parte das vezes, essa presença camufla os processos que perpetuam a supremacia masculina nesta área (ALBUQUERQUE, 2006). Além de induzir as mulheres a se adaptarem àquele ambiente para conseguirem trabalhar na área de interesse e terem alguma chance de alcançar o sucesso desejado. Todo esse modo de agir impulsiona a continuidade dessa cultura patriarcal na ciência, incentiva as próximas cientistas a entrarem nesse mundo e agirem da mesma maneira: implorando por reconhecimento; deixando as características femininas (vistas como negativas) de lado e adquirindo os traços masculinos típicos de um cientista de sucesso.

Desta forma, desconstruir os ideais de objetividade, racionalidade e neutralidade da ciência, para que outros sujeitos possam fazer parte e contribuir nesse ramo sem precisarem se comportar como um tipo padronizado, se torna um caminho imprescindível na narrativa da crítica feminista. Entretanto, esse percurso deve ser cauteloso de modo a não deixar margens para negacionismo e desconfianças acerca do método científico, já que ele foi pautado sob determinados modelos. Além de instruir as mulheres para que não reforcem e nem pratiquem essas idealizações, pois isso é uma das formas de manutenção desse sistema.

Outra alternativa, que foi incluída recentemente, para minimizar essa desigualdade, é um campo específico no currículo lattes para o período de licença-maternidade. O grupo *Parent in Science* faz parte deste movimento de luta e debate sobre a maternidade na ciência e foi essencial para a consolidação deste campo na plataforma (STANISCUASKI *et al.*, 2021). Além da licença nas bolsas de mestrado/ doutorado, como o grupo e muitas pesquisadoras se mobilizam para isso, assim, as mulheres se sentiram mais seguras e mais reconhecidas por seus trabalhos, pois sabiam que aqueles períodos de baixa ou nenhuma produtividade seriam vistos como inerentes à maternidade. Isso poderia aumentar a chance e a motivação para que as mulheres continuem na carreira científica.

Vale destacar que os obstáculos na produtividade acadêmica continuarão existindo se a tripla jornada continuar como responsabilidade apenas da mulher, isso incorrerá na manutenção da ordem patriarcal na sociedade. É por meio de divulgações e reflexões desses estudos que poderá haver uma conscientização por parte da coletividade em busca de mudanças nesse comportamento. E, também,

por meio da implementação de políticas públicas, para a inclusão de mais mulheres na ciência e no mundo do trabalho, para a extensão de bolsas de pesquisa devido a licenças-maternidade, para a criação de creches e fraldários no ambiente de trabalho (STANISCUASKI *et al.*, 2021). São propostas que podem favorecer a modificação cultural que rejeita essas adversidades do gênero em relação à ciência e que podem produzir resultados mais céleres (LIMA, 2013).

Além de colocar em pauta a temática não sexista na educação básica, é essencial que, dentro de todos os cursos do ensino superior, isso seja discutido também. A mudança que se espera ver não pode ficar restrita à comunidade científica, pois isso não é um problema apenas dos cientistas. Em virtude disso, pode-se debater essa questão dentro de uma disciplina específica, como um tema interdisciplinar ou de outra forma mais adequada a cada curso. Para a educação básica, funcionaria de forma parecida: como um tema transversal que perpassa todos os componentes curriculares, como um projeto específico, como uma sequência didática ou outra forma que a comunidade escolar achar mais pertinente.

Outro tópico importante de ser mencionado é que a crítica feminista à ciência não está limitada a apenas desigualdade de gênero, mas também envolve questões raciais, sexuais, étnicas, econômicas. É necessário haver uma reflexão decolonial dentro desses estudos para se ter uma crítica mais significativa e não estar unicamente sob o viés do feminismo hegemônico (SANTOS, 2018). Desta forma, uma ciência feminista deve ser mais do que uma ciência para mulher, e sim para mulheres. Apesar de o presente estudo focar na questão do gênero e da ciência, deve-se considerar a inseparabilidade entre as relações mencionadas acima de forma a não colocá-las em ordem de prioridade.

Por fim, esta investigação não tem um encerramento aqui. Ainda há muito caminho a ser percorrido e divulgado em amplas esferas. Além disso, uma nova perspectiva deve ser considerada nesses estudos de crítica feminista, possibilitando uma reflexão mais profunda, à ciência: a colonialidade como mecanismo de silenciamento de diversos grupos dentro da própria teoria feminista.

# The condition of gender in the academic-professional trajectory of researchers at the Instituto Federal de Brasília

## ABSTRACT

This work analyzed the female insertion process and its invisibility in scientific careers. The objective was to identify whether the gender difference affected the researchers' academic productivity and scientific career. The data were collected through interviews and the content was analyzed using the discursive textual analysis method. The narratives show that women progress slowly in their careers due to the triple journey and barriers imposed by the patriarchal and capitalist society, including discrimination and prejudice. To have a place of speech, women need to strive academically and professionally more than men. The lack of dissemination of research on this topic can contribute to the low female presence, with no reflection and maintaining the sexual division. Deconstructing the ideals of objectivity, rationality and neutrality of science is essential in feminist criticism.

**KEYWORDS:** Science. Gender. Sexual division.

# La condición de género en la trayectoria académico-profesional de investigadoras del Instituto Federal de Brasilia

## RESUMEN

Este trabajo analizó el proceso de inserción femenina y su invisibilidad en las carreras científicas. El objetivo fue identificar si la diferencia de género perjudicó la productividad académica y la carrera de los investigadores. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas y el contenido fue analizado utilizando el método de análisis textual discursivo. Las narrativas muestran que las mujeres avanzan lentamente en sus carreras debido al triple recorrido y las barreras impuestas por la sociedad patriarcal y capitalista, incluyendo la discriminación y los prejuicios. Para tener un lugar de expresión, las mujeres deben esforzarse más académica y profesionalmente que los hombres. La falta de difusión de las investigaciones sobre este tema puede contribuir a la baja presencia de mujeres, sin reflexión y manteniendo la división sexual. Deconstruir los ideales de objetividad, racionalidad y neutralidad de la ciencia es fundamental en la crítica feminista.

**PALABRAS CLAVE:** Ciencias. Género. División sexual.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, V. M. S. Na penumbra da ciência. **O Público e o Privado**, v. 4, n. 8, p. 87-107, 2006.
- ALVES, D. M. A mulher na ciência: desafios e perspectivas. **Criar Educação**, v. 7, n. 2, 2017.
- ARAUJO, D. B. A ciência e as relações de gênero. **Estudos IAT**, v. 1, n. 1, p. 4–17, 2010.
- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 207–228, 2008.
- CARVALHO, M. G.; CASAGRANDE, L. S. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 8, n. 2, p. 20–35, 2011.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.
- CURIEL, O. **Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial**. Descolonizar o feminismo. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, p. 32–51, 2019.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- GOMES, N. L. Golpe disfarçado de impeachment: uma articulação escusa contra as mulheres. In: RUBIM, L.; ARGOLO, F. (Orgs.). **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Salvador: Edufba, p. 147-160, 2018.
- GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 376 p, 2020.
- HRYNIEWICZ, L. G. C.; VIANNA, M. A. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. **Cadernos EBAPE**, v. 16, p. 331-344, 2018.
- INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Servidores** [online]. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/servidores-ifb>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 883-903, 2013.
- MENEZES, D. P.; BRITO, C.; ANTENEDO, C. Mulheres na Física: Efeito Tesoura—da olimpíada brasileira de física à vida profissional. **Scientific American Brazil**, 2017.
- MOSCHKOVICH, M. “Machismo estrutural”, oculto e terrível. Sul 21, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2013/11/machismo-estrutural-oculto-e-terrivel-por-marilia-moschkovich/>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 9, n. 2, p. 191–211, 2003.

MÜLLER, B. C. **Mulheres e maternidade no ensino superior no Brasil**. Parent in Science, 2021.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, p. 68–77, 2011.

PASSOS, R.; SANTOS, L. R. ; ESPINOZA, F. Direitos humanos, decolonialidade e feminismo decolonial: ferramentas teóricas para a compreensão de raça e gênero nos locais de subalternidade. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 10, n. 2, 2020.

REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA SETEC/MEC. **Plataforma Nilo Peçanha** [online]. Disponível em: <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>. Acesso em: 6 jul. 2021.

RIBEIRO, G. M. C. A ciência é masculina e branca. In: SILVA, F. C. G. (org.). **Mulheres negras na biblioteconomia**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, p. 17-40, 2019.

SANTOS, P.G. F.; SILVA, T. A. L. Por uma educação antirracista: entraves e possibilidades de engajamento das ciências naturais. In: OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de; BRANCALEONI, A. P. L.; D'AGUA, S. V. N. L. (Orgs.). **Inquietações no campo do ensino: sujeitos e temas de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. 176- 188, 2020.

SANTOS, V. M. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, n. 0, p. 1–11, 2018.

SANTOS, V. M. Uma “perspectiva parcial” sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 801–824, 2016.

SARDENBERG, C.; MACÊDO, M. S. Relações de gênero: uma breve introdução ao tema. In: Ana Alice Alcântara Costa; Alexnaldo Teixeira Rodrigues; Iole Macedo Vanin. (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. 1ed. Salvador: UFBA/NEIM, v. 1, p. 33-48, 2011.

SCOTT, J. W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**. Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, p.63-95, 1992.

SILVA, E. R. A (in)Visibilidade Das Mulheres No Campo Científico. **Travessias**, v. 2, n. 2, p. 1–20, 2008.

SOLNIT, R. **Men explain things to me**. Illinois: Haymarket Books, 2014.

STANISCUASKI, F. *et al.* Maternity in the Brazilian CV Lattes: when will it become a reality? **Annals of the Brazilian Academy of Sciences**, v. 93, n.1, 2021.

TIBURI, M. A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (Orgs.). **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Salvador: Edufba, p. 105-116, 2018.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, n. 10, p. 309–344, 1998.

**Recebido:** 15/07/2022

**Aprovado:** 02/11/2022

**DOI:** 10.3895/cgt.v15n46.15731

**Como citar:** CRISÓSTOMO, Luana Soares; FIELD'S, Karla Amâncio Pinto. A condição de gênero na trajetória acadêmico-profissional de pesquisadoras do Instituto Federal de Brasília. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 15, n. 46, p. 245-260, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

